

Globethics Repository



A cidade modernista [The modernist city]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Holston, James
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-09-20 08:11:16
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162859

Entrevista da Semana

A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia

Entrevista com James Holston

“Minha análise se concentra não apenas na contravenção dos princípios de planejamento da cidade e políticas governamentais, mas também na estrutura política e social da sociedade brasiliense que esta contradição gerou”. Com essas palavras o antropólogo californiano James Holston, autor de *A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia* (São Paulo, Companhia das Letras: 1993), explica que a criação de Brasília no período JK foi uma tentativa de reinventar a sociedade, uma utopia com sérias contradições. Holston concedeu uma entrevista à *IHU On-Line*, por e-mail, que dá continuidade ao tema de capa da edição 166ª da revista *IHU On-Line*, com o título “A imaginação no poder. JK, 50 anos depois”. A entrevista foi publicada no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) no dia 2 de dezembro de 2005.

James Holston é professor associado do Departamento de Antropologia da Universidade de Califórnia, San Diego. Em 1986, recebeu seu Ph.D. em Antropologia da Universidade de Yale. Nos anos de 1995 e 1996, foi professor visitante no Departamento de Sociologia da USP. Suas publicações mais recentes incluem *Cities and Citizenship*, (editor), Durham: Duke University Press, 1999; e *Democracy and violence in Brazil* (com Teresa Caldeira). *Comparative Studies in Society and History*, 2000. Na entrevista a seguir, ele fala que o maior desafio no debate sobre as cidades urbanas hoje é “planejar para a participação democrática na administração urbana e na equalização de recursos baseados em valores de justiça social”. Holston critica o tombamento de Brasília, afirmando que “a postura dos pioneiros negou às gerações subseqüentes de brasilienses seus direitos de criar suas próprias experiências para suas próprias épocas”.

IHU On-Line - O senhor poderia dizer resumidamente quais as principais idéias apresentadas no seu livro sobre a construção de Brasília (*A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia*)?

James Holston - O livro analisa a Brasília modernista como uma tentativa

de reinventar a sociedade, o estado e a nação brasileira pela construção de um novo tipo de cidade. Isso demonstra que o paradoxo de construção desse futuro imaginado subverteu suas premissas. Assim, o livro avalia a suposição central do projeto modernista de desenvolvimento de que o estado

pode produzir e administrar o social por imposição de um futuro alternativo incorporado em plantas/planos. Pela etnografia da cidade, o estudo desenvolve uma crítica antropológica deste projeto modernista com foco sobre as contradições internas do plano utópico e sobre a reafirmação pelos habitantes de Brasília de processos sociais e valores culturais que este plano tentou negar. Minha análise se concentra não apenas na contravenção dos princípios de planejamento da cidade e políticas governamentais, mas também na estrutura política e social da sociedade brasiliense que esta contradição gerou.

O livro investiga estes processos, por exemplo, na formação de uma periferia empobrecida das cidades satélites, na revolta violenta da força de trabalho desbravadora e sua organização em movimentos sociais, na privatização de terras públicas e moradias, e na estratificação de grupos sociais baseados nos princípios de recrutamento ocupacional e hierarquias de *status* legalizadas. O livro encerra com uma crítica ao modelo desenvolvimentista do plano estatal como um empreendimento teleológico que descorporifica a história para impor um futuro já traçado, governos que não geram igualdade social ou que não transformam as massas em cidadãos ativos e que imaginam a sociedade como uma massa atrasada de ignorantes que precisa ser trazida à modernidade por uma elite de vanguarda. Ainda, a conclusão do livro também rejeita a proposta de abandonar a meta de desenvolver novas possibilidades sociais e estéticas por meio do planejamento.

IHU On-Line – É possível conciliar, como no caso de Brasília, a ocupação planejada e a improvisada? De que maneira?

James Holston – O desenvolvimento sempre ocorre como uma relação entre o planejado e a contingência, o

entranhado e o insurgente. Entretanto, a maioria dos planos nega essa relação. Em sua ambição de ser completo e totalizante, eles não permitem ou não consideram o contingente e o insurgente, não incluem como um de seus princípios a contradição de seus próprios princípios. Brasília exemplifica tal plano totalizante. O problema é que a contradição é inevitável porque a história (vida real) “ocupa” a planta. Planos mestres, como o de Brasília, carecem de recursos para responder à contradição, outros ainda tentam reiterar de maneiras ainda mais autoritárias suas premissas iniciais. O resultado é previsível: a vitalidade da sociedade (com todos os seus conflitos bagunçados) subverte a premissa caprichada do plano, produzindo caos e ilegalidade, enquanto o governo tenta impor a ordem da planta sem sucesso. Para evitar este círculo de caos e autoritarismo, uma nova forma de planejamento deve ser desenvolvida, que inclua o contingente, o insurgente e a improvisação como premissas básicas.

IHU On-Line – Qual o maior mérito da iniciativa de Juscelino Kubitschek com a construção da nova capital brasileira? Qual a importância deste caráter inovador de cidade?

James Holston – JK ajudou a desbravar um novo espírito no Brasil que se tornou exemplo para o mundo inteiro. O “espírito de Brasília”, como os pioneiros chamaram, se refere à nova capital como um espaço dedicado a inovações, experimentação e risco. Brasília foi experimental em quase todos os aspectos, não apenas em arquitetura e urbanismo, mas também em relações de propriedade, educação, serviços hospitalares, circulação de tráfego e instituições sociais, dando suporte a um novo tipo de vida residencial. A fundadora “idéia de Brasília” foi gloriosa e audaciosa, de permanente experimentação.

IHU On-Line – O senhor afirma que Juscelino Kubitschek fez de Brasília "um exemplo da invenção da nação, reinventado o tempo e o espaço nacionais". Em que baseia essa afirmação?

James Holston – Brasília criou um novo sentido e sensibilidade de tempo nacional moderno: O ritmo de Brasília, como era chamado durante a construção, que era 36 horas de trabalho por dia – 12 durante o dia, 12 durante a noite e 12 de entusiasmo. Isso também produziu um novo senso de espaço nacional pela interiorização do estado e irradiando sua modernidade para todo o Brasil.

IHU On-Line – Quais eram as principais características da arquitetura da época moderna nas cidades? Em que aspecto Brasília mais inovou?

James Holston – Brasília foi o mais completo exemplo dos princípios da arquitetura e planejamento modernista CIAM (Congrès International d'Architecture Moderne – Congresso Internacional de Arquitetura Moderna), interpretado e executado com brilhantismo pelos arquitetos brasileiros, sob a liderança de Lucio Costa¹³ e Oscar Niemeyer¹⁴. Estes

¹³ **Lucio Marçal Ferreira Ribeiro de Lima e Costa** (1902-1998): Arquiteto brasileiro nascido em Toulon, França, mais conhecido como Lucio Costa, é considerado líder e maior doutrinador do movimento de implantação da arquitetura moderna no Brasil, consagrado como o criador do plano-piloto de Brasília. Filho de brasileiros a serviço no exterior, sendo seu pai o almirante e engenheiro naval Joaquim Ribeiro da Costa, estudou na Royal Grammar School de Newcastle, Inglaterra, e no Collège National, em Montreux, na Suíça. De volta ao Brasil, em 1917, estudou pintura e matriculou-se no curso de arquitetura da Escola Nacional de Belas-Artes e diplomou-se em 1925. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁴ **Oscar Niemeyer** (1907): arquiteto e urbanista brasileiro considerado um dos nomes mais influentes na Arquitetura Modernista Internacional. Foi um pioneiro na exploração das possibilidades construtivas únicas do concreto armado. Em 1956, iniciou, a convite do presidente da República, JK, colaboração na construção da

princípios subverteram a velha ordem arquitetônica das cidades e forneceram uma alternativa radical.

IHU On-Line – Que aspectos são mais urgentes hoje no debate sobre os centros urbanos, sobre o que a cidade precisa? Quais os maiores desafios que têm surgido?

James Holston – O maior desafio é planejar para a participação democrática na administração urbana e na equalização de recursos baseados em valores de justiça social.

IHU On-Line – Por que o senhor afirma que Brasília deveria ser um palco para experimentações, e que o debate sobre o urbano não existe mais ali?

James Holston – Brasília acabou se enterrando em muitas camadas de preservação legal, começando com sua Lei Orgânica, na inauguração, em 1960, e culminando com a declaração da Unesco. Além disso, seu desenvolvimento veio a ser comandado por uma junta de projetistas e arquitetos que tinham interesses pessoais na planta original e sua arquitetura e que, portanto, impediram qualquer “desvio” disso. Esta preservação e dominação traíram o espírito de Brasília como lugar de inovação e experimentação nacional. É necessário lembrar que o modelo CIAM de planejamento e arquitetura, implementado por Costa e Niemeyer, foi um experimento entre muitos na Brasília pioneira. Ele não constitui toda

nova capital, cujo plano urbanístico foi confiado a Lucio Costa, arquiteto e urbanista. Em 1958, foi nomeado arquiteto-chefe da nova capital e transferiu-se para Brasília, onde permaneceu até 1960. Em 1972, abriu um escritório em Paris. Realizou também grande número de projetos no exterior, como a sede do Partido Comunista Francês, em Paris, 1967; a Universidade de Constantine, na Argélia, 1968; a sede da Editora Mondadori, em Milão, 1968. O site da Fundação Oscar Niemeyer (www.niemeyer.org.br) apresenta suas idéias, obras em arquitetura, urbanismo, mobiliário, esculturas, serigrafia, cenografia e sua bibliografia. (Nota da *IHU On-Line*)

a “idéia” de Brasília, pelo contrário, foi um aspecto dessa idéia. No entanto, não apenas fez com que este experimento na arquitetura modernista viesse a representar o projeto inteiro de Brasília, mas também com que aqueles dedicados a este modernismo impedissem outros tipos de experimentos arquitetônicos. Na verdade, isso se aplicava a qualquer tipo de experimentação que não se encaixasse no plano modernista mestre. De fato, uma postura dos pioneiros negou às gerações subseqüentes de brasilienses seus direitos de criar suas próprias experiências para suas próprias épocas.

IHU On-Line - Qual o lugar simbólico da construção de Brasília na história do Brasil? Em que sentido a cidade se apresenta como sintoma do caráter brasileiro em suas contradições?

James Holston - O urbanismo de Brasília pode parecer incongruentemente brasileiro. Mas para aqueles que conhecem o Brasil, a história de Brasília expressa, ao mesmo tempo, um jeito brasileiro notável de fazer as coisas. Eu me refiro a este senso de invenção [inventividade] encontrado em tantas facetas da vida brasileira. Refiro-me à necessidade do brasileiro de ser moderno, de ver uma carência de recursos como uma oportunidade para a inovação. É o *design* da improvisação, um desejo de superação por um salto, um instinto para as vantagens do jogo. Além de tudo, os brasileiros construíram Brasília em apenas três anos e meio. Eles transformaram um ponto no meio do nada, marcado por um “x” no chão, não apenas em uma cidade habitável em tempo recorde, mas também naquele que significou para o mundo inteiro dos anos 1960 o mais moderno urbanismo. Para tanto, empregaram a tática da *bricolagem* [técnicas de faça-você-mesmo], que experimentaram em todos os campos. Assim, reproduziram,

na desbravada Brasília, o distinto estilo brasileiro de inventar sua modernidade. De modo particular, conseqüentemente, Brasília é, ao mesmo tempo, radicalmente separada e parte do “resto do Brasil”. Exemplos desta contradição abundam. Por exemplo, o Plano Mestre de Brasília proibia o desenvolvimento de uma periferia urbana para os pobres da cidade, algo típico em outras cidades brasileiras. Como capital nacional, Brasília deveria ser diferente, e seus projetistas objetivaram impossibilitar características indesejadas do resto das cidades do Brasil. Ainda, políticas governamentais criaram uma periferia empobrecida das Cidades Satélite ainda antes da inauguração da capital em 1960, “brasilizando” suas fundações. Conseqüentemente ambos, Plano Piloto e as Cidades Satélites, constituem Brasília, que deve ser compreendida como uma cidade regional desde o começo. A cidade regional resultante, entretanto, não reproduz simplesmente o resto do Brasil em torno dela, que os projetistas quiseram negar. Na sua combinação do radicalmente novo e do familiar, Brasília permanece distinta na constelação das cidades brasileiras.

IHU On-Line - Como a construção de Brasília pode abrir perspectivas inovadoras para o estudo das cidades e da sociedade contemporânea?

James Holston - A construção de Brasília é o exemplo perfeito de um paradigma de desenvolvimento urbano estatizado, que ainda é dominante no mundo inteiro. Podemos chamar isso de projeto modernista ou desenvolvimentista, que objetiva constituir o social e sua história impondo um futuro incorporado em plantas [no sentido arquitetônico]. A história de Brasília demonstrou como este modelo de planejamento total se complica e se contradiz pelas contingências, insurgências, e improvisações das forças sociais históricas que ao mesmo tempo

respondem à planta e ao plano e inevitavelmente a refazem. Assim, a história de Brasília permanece um laboratório para o estudo das relações entre o planejado e o improvisado, o total e o contingente, o entranhado e o insurgente, relações que estão no coração do atual desenvolvimento urbano global.

IHU On-Line - Qual o papel da antropologia, nesse sentido, para desenvolver uma crítica à modernidade?

James Holston – Em minha pesquisa e publicações, objetivo desenvolver a antropologia como uma disciplina crítica. Por um lado, eu uso o engajamento particular antropológico da etnografia e história para demonstrar como as suposições, os métodos e contradições não examinadas dos *policy-makers*¹⁵ modernistas estragaram seus planos mestres, subvertendo suas intenções e criando condições para sua própria transformação. Por outro lado, empreguei esta desfamiliarização¹⁶ antropológica para identificar possibilidades de mudança que estão embasadas no presente etnográfico e que podem encaminhar futuros projetos que eu valorizo, projetos de democracia social e justiça. Em um número de iniciativas de pesquisa, eu usei esta combinação de bolsa de estudos em antropologia e crítica para estudar as práticas profissionais do moderno planejamento urbano e arquitetura, lei e desenvolvimento democrático. Tenho sido particularmente crítico dos paradigmas modernistas de planejamento e arquitetura da cidade que propõem

transformar um presente não desejado por meio de um já traçado futuro imaginado como radicalmente diferente. Em contraste, usei o estudo etnográfico do presente para propor práticas de planejamento que expandam a participação dos cidadãos e a democracia social.

¹⁵ Policy-makers pode ser traduzido literalmente por fazedores ou formuladores de políticas.

¹⁶ A defamiliarização [traduzível também como estranhamento] é a técnica artística de forçar o público a ver coisas comuns de um jeito não familiar ou estranho, a fim de realçar a percepção do familiar. O Dadaísmo, o Pós-modernismo e a Ficção Científica fazem uso desta técnica, que também é chamada de *ostranenie*. (fonte: <<http://wikipedia.org>>)